11 A 13
DE DEZEMBRO
DE 2024

EVENTO PRESENCIAL
NA UFRPE RECIFE

2º Congresso Internacional de Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (CIADT)
11º Seminário de Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (SEADT)

TEMA
Agroecologia política, sistemas alimentares e transições agroecológicas

UNIVASF UNEB APOIO CAPES

Desafios e Perspectivas na criação de uma rede de feiras da Agricultura Familiar no Agreste Paraibano

Juliana Escarião Da Nóbrega. E-mail: julianarenes@gmail.com

Cynthya De Avelar Bonifácio. E-mail: cynthiaavelarbonifacio@gmail.com

Ramona Louise Rodrigues Barbosa Gomes. E-mail: ramona.louise@academico.ufpb.br

Alexandre Eduardo De Araújo. E-mail: alexandre.araujo@academico.ufpb.br

Giovana Kelly Batista Alexandre. E-mail: giovanabatalexandre@gmail.com

Gabriela Paes Barreto De Andrade. E-mail: gabrielapbandrade@gmail.com

Marcos Estefene Alves De Almeida. E-mail: marcosmarcos217@gmail.com

Vive Sena Cruz. E-mail: vive.sena@academico.ufpb.br

Linha de Pesquisa: Ambiente, Saúde e Sistemas Agroalimentares.

1 Introdução

A Rede Circular Agroecológica foi criada em março de 2024 pela demanda de Agricultores familiares já assistidos em ações e projetos do Núcleo de Extensão, Pesquisa e Educação em Agroecologia (NEPAL) do Campus III da Universidade Federal da Paraíba. É constituída eminentemente por coletivos de agricultores familiares das microrregiões do Curimataú Oriental e Brejo Paraibano, que produzem de forma agroecológica ou estão em processo de transição agroecológica.

Nessa perspectiva, a rede pode ser definida como um conjunto de nós ou atores ligados por relações sociais ou laços. A comercialização realizada em redes de feiras agroecológicas se propõe a agregar valores sociais e humanos às relações econômicas, possibilitando a democratização do acesso ao alimento saudável. E ainda, enfatiza a relação direta entre produtor e consumidor e a qualidade ambiental, nutricional e social dos alimentos, produzidos em sistemas com um olhar diferenciado para as relações sociais tanto na produção, quanto na comercialização (Castilla et al., 2000; Martinazzo et al., 2022).

As cadeias curtas agroalimentares, como observa Cassol (2018), representam uma estratégia promissora para aproximar produtores e consumidores, eliminando intermediários e permitindo uma comercialização mais justa e direta. Esse modelo encurta a distância entre o local de produção e o de consumo, resultando em alimentos frescos e de qualidade superior, e promove o desenvolvimento regional ao valorizar produtos locais (Cassol; Schneider, 2017).

Além disso, tais cadeias fortalecem a confiança do consumidor ao possibilitar uma maior transparência sobre o processo produtivo, o que é essencial para consumidores conscientes e preocupados com a origem dos alimentos que consomem (Dias et al., 2017).

No entanto, de forma geral, os agricultores familiares ainda enfrentam diversos desafios para consolidar esse modelo. Entre os principais obstáculos estão a falta de infraestrutura adequada, como estradas e transporte. Também há uma carência de políticas públicas que incentivem e apoiem esses agricultores no acesso a mercados e no desenvolvimento de práticas de produção sustentável (Gazolla, 2017). A carência de políticas públicas específicas para fortalecer as cadeias curtas também limita o crescimento desse modelo, apesar dos inúmeros benefícios que ele traz para a sustentabilidade social, econômica e ambiental (Sonnino; Marsden, 2017).

Objetivou-se investigar essas dinâmicas, identificando os principais fatores que influenciam as experiências dos agricultores(as) familiares na rede. Buscou-se abordar as perspectivas dos agricultores(as) em relação aos benefícios econômicos e sociais das cadeias curtas, bem como as barreiras enfrentadas para o desenvolvimento dessas práticas.

2 Referencial teórico

O modelo agroalimentar dominante é concentrado e marcado pela industrialização e pelo desconhecimento da origem dos alimentos. Este fato, tem aberto espaço para discussão e iniciativas de abastecimento através de cadeias curtas, aproximando produtores e consumidores. Princípios como autonomia, solidariedade, segurança alimentar, justiça social, respeito à cultura e tradição locais,

são temas fundamentais nos circuitos curtos (Darolt et al., 2013; Martinazzo et al., 2022).

Para Rosset e Altieri (2017), as cadeias curtas são uma forma de resistência ao sistema alimentar globalizado, que, ao priorizar o lucro, negligencia a qualidade dos alimentos e os impactos sociais e ambientais da produção. Estes autores, enfatizam que a agroecologia e as cadeias curtas reforçam a soberania alimentar, pois dão aos agricultores o controle sobre seus métodos de produção e distribuição, valorizando o alimento como um bem público, e não apenas como mercadoria.

Os mercados convencionais estão normalmente relacionados às cadeias longas de commodities realizadas por empresas transnacionais, sem vínculo de localidade. Por outro lado, os mercados inseridos na lógica das cadeias curtas, promovem a conexão com o local e suas tradições, colaborando para a construção de relações de confiança mútua entre consumidor e produtor (Antunes Júnior et al., 2019).

Embora as cadeias curtas ofereçam benefícios importantes, os agricultores familiares enfrentam barreiras significativas. Segundo Mendez (2010), essas redes exigem suporte técnico e infraestrutura para facilitar o transporte e a comercialização dos produtos. Sem o apoio de políticas públicas adequadas, os agricultores acabam limitados em sua capacidade de distribuição e de participação em mercados locais e regionais.

De acordo com Pretty (2002), as cadeias curtas de produção necessitam de uma abordagem que integre práticas agroecológicas e políticas de incentivo, já que, sem essa estrutura, os produtores familiares encontram dificuldades para competir com o modelo agrícola industrial. Pretty sugere que os governos incentivem a agroecologia como uma estratégia para promover tanto a sustentabilidade ambiental quanto a segurança alimentar, especialmente em regiões onde a agricultura familiar é uma das principais fontes de sustento.

3 Metodologia

A pesquisa foi conduzida entre os agricultores familiares integrantes da Rede Circular Agroecológica, utilizando uma abordagem qualitativa que permitiu explorar as experiências e percepções destes agricultores no contexto das cadeias curtas agroalimentares.

A coleta dos dados foi realizada em setembro de 2024 na primeira edição da feira promovida pela rede e que, desde então, passou a acontecer mensalmente nas instalações da Campus III da UFPB, na cidade de Bananeiras-PB. Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com os expositores e consumidores presentes. Esse formato de entrevista

permite uma flexibilidade que possibilita ao entrevistador adaptar as perguntas ao contexto e aprofundar temas relevantes à medida que surgem durante a conversa (Quivy; Campenhoudt, 2005). As perguntas incluíram temas como desafios logísticos, percepção dos consumidores e expositores sobre a feira, e possíveis benefícios econômicos. Foram entrevistados 17 expositores e nove consumidores.

A análise dos dados teve início com o auxílio do programa Microsoft Excel^R, onde foi formatado um banco de informações categorizadas de acordo com o grupo de entrevistados e em conformidade com as perguntas descritas nos roteiros de entrevista aplicados

4 Resultados e Discussão

A primeira edição da feira da rede circular agroecológica contou com a participação de seis coletivos de agricultores familiares e artesãos advindos dos municípios de Araruna, Bananeiras, Cacimba de Dentro, Casserengue, Dona Inês, Guarabira, Serraria e Solânea, situados no Agreste Paraibano. Os questionários semi estruturados foram aplicados a 17 expositores e nove consumidores.

4.1. Perfil socioeconômico e produtivo dos expositores

De acordo com os dados obtidos na aplicação dos questionários, pode-se observar um perfil diversificado entre os 17 expositores entrevistados. A média de idade foi de 45 anos, variando entre 22 anos e 67 anos. A maioria dos entrevistados (58,82 %) concluiu o ensino médio. Três expositores (17,64 %) cursaram o ensino fundamental, enquanto 04 expositores (23,54 %) terminaram a graduação, sendo que um destes também concluiu uma pós-graduação. Como destacado por Martinazzo e colaboradores (2022), percebe-se uma mudança no perfil do feirante tradicional ao que se refere a sua escolaridade: o indivíduo de origem campesina está percorrendo o caminho da qualificação.

O núcleo familiar ao qual os entrevistados estão inseridos, variou de 1 a 5 indivíduos. No entanto, 70,58% dos entrevistados moram com apenas mais uma ou duas pessoas em seu domicílio. Mesmo com o envolvimento de jovens agricultores nas feiras, estudos como o de Foguesatto et al. (2020) sinalizam para a diminuição da população rural e a relaciona com a incerteza do futuro da agricultura.

Foi observado a partir dos dados obtidos que apenas 29,41% dos expositores entrevistados têm sua renda familiar exclusivamente advinda da venda dos seus produtos. Para os demais, as feiras contribuem como renda extra para a família e é complementada com trabalho assalariado, assistência governamental e/ou aposentadoria. Para Rambo et al. (2019)

as cadeias curtas contribuem para o desenvolvimento rural, constituindo uma alternativa de renda de grande relevância econômica para as famílias agricultoras.

Os expositores apresentam uma produção que varia de alimentos orgânicos, como frutas e verduras, até produtos apícolas e artesanato, o que reflete a diversidade cultural e produtiva da região. A variedade dos produtos foi um ponto destacado pelos consumidores, que valorizam a possibilidade de adquirir produtos agroecológicos, sustentáveis e de qualidade diretamente dos produtores. Esse perfil diverso também contribui para a construção de uma rede de apoio e trocas entre os próprios expositores, fortalecendo a economia solidária local.

4.2. Desafios e perspectivas entre os expositores e seus coletivos

Os expositores, independente da sua localidade ou produto comercializado, apontaram como principais desafios enquanto agricultor familiar e/ou artesão: a comercialização da produção e transporte para se deslocarem até a feira ou outros eventos. Também foi citado a falta de valorização dos seus produtos, dificuldade de divulgação, assim como, necessidade de maior apoio em formação e capacitação. Muitos expositores expressaram interesse em desenvolver habilidades adicionais para melhorar suas práticas de produção e de gestão de negócios, indicando que treinamentos específicos na produção e comercialização direta seriam úteis para fortalecer a rede.

Mesmo diante das adversidades reportadas, os expositores expuseram que a feira proporciona benefícios econômicos diretos e uma maior visibilidade de seus produtos. Além disso, a feira ajuda a fortalecer os laços entre produtores e consumidores, promovendo um consumo mais consciente e uma valorização dos produtos locais.

4.3. O consumidor e suas expectativas acerca da feira

Do total dos consumidores que responderam a pesquisa, 62,5% são do gênero feminino e 37,5% do gênero masculino. A faixa etária média foi de 32 anos de idade e variou entre 20 anos a 48 anos. Todos os consumidores pesquisados eram estudantes (66,66%) ou servidores (33,33%) da UFPB. Os entrevistados foram unânimes em apontar o atendimento por parte dos expositores como sendo adequado e cordial e, a maioria (55,60%) considerou que a feira deveria ter uma frequência semanal, facilitando desta forma o acesso e compra de alimentos da agricultura familiar de base agroecológica no ambiente universitário.

No que tange a relevância de uma feira no campus universitário, também houve unanimidade entre os consumidores quanto a sua importância; seja na valorização e no acesso a produtos da agricultura familiar, na importância econômica, social, pedagógica e científica;

na valorização da tradição e da cultura regional ou na divulgação da agroecologia como ciência, prática e modo de vida.

Specht e colaboradores (2019) destacam uma crescente preocupação, por parte dos consumidores, com a qualidade dos alimentos, principalmente com os efeitos relacionados à saúde e ao bem estar. Além disso, ao adquirirem produtos nas feiras livres, os consumidores trazem à tona memórias afetivas e sensoriais, resgatando a sua própria história (Martinazzo et al., 2022)

Os consumidores entrevistados, também apontaram sobre as melhorias necessárias para uma melhor experiência durante a visita à feira. Foi principalmente destacada a necessidade de um local com melhor conforto térmico, também foi citado a necessidade de uma maior divulgação e ampliação da diversidade de produtos.

5 Conclusões

A Rede Circular Agroecológica representa uma iniciativa relevante no fortalecimento da economia local e na promoção de práticas sustentáveis entre agricultores familiares e artesãos. Este estudo mostrou que a feira cumpre um papel fundamental ao aproximar produtores e consumidores, criando um espaço de troca que valoriza produtos sustentáveis, alimentos de qualidade e o saber local. A diversidade de produtos, incluindo alimentos orgânicos, apícolas e artesanato, enriquece a experiência dos consumidores e reforça a rede solidária entre os expositores.

Contudo, desafios importantes ainda precisam ser superados para garantir a continuidade e o crescimento da feira. A falta de infraestrutura, como espaços cobertos e áreas de descanso, e a dificuldade de transporte para expositores de áreas rurais são fatores que limitam o potencial de expansão da rede. Além disso, a necessidade de formação e capacitação dos produtores indica uma demanda por apoio mais robusto em termos de conhecimento técnico e práticas de comercialização.

Em termos de oportunidades, a feira se destaca como um ambiente promissor para o fortalecimento econômico dos agricultores familiares, promovendo um consumo consciente e proporcionando uma visibilidade maior aos produtos sustentáveis. Para maximizar esses benefícios, recomenda-se o desenvolvimento de parcerias com instituições educacionais e órgãos governamentais, que poderiam oferecer infraestrutura e capacitação adequadas para os produtores.

Por fim, a Rede Circular Agroecológica tem potencial para se consolidar como um modelo de economia circular e solidária, que respeita o meio ambiente e fortalece as relações

entre produtores e consumidores. O estudo sugere que, com o suporte adequado, a rede pode ampliar seu impacto, incentivando a agroecologia e a sustentabilidade em outras regiões.

6 Agradecimentos

Aos Coletivos de Agricultores (as), Artesãos (ãos) e organizações parceiras. A EMPAER, Escola do Sonhos, CAVN/CCHSA/UFPB, FAFS, Prefeitura Municipal de Serraria, ATUS, Prefeitura Municipal de Dona Inês, Prefeitura Municipal de Bananeiras, Prefeitura Municipal de Araruna, ADUF-PB.

7 Referências

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012. ISBN 978-85-7743-191-5.

ANTUNES JUNIOR, Wolney Felipe; SOARES, Diego Ruiz; SILVA, Bruna Aparecida; MARJOTTA- MAISTRO, Marta Cristina; MONTEBELLO, Adriana Estela Sanjuan . AGRICULTURA FAMILIAR, MERCADO E AGROECOLOGIA: CABEM TODOS NA MESMA CESTA? **Nucleus**, v. 16, n. 2, p. 197–210, 2019.

BRASIL. **Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006**. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 25 jul. 2006.

CASSOL, Abel; SCHNEIDER, Sergio. **Construindo a confiança nas cadeias curtas: interações sociais, valores e qualidade na Feira do Pequeno Produtor de Passo Fundo/RS**, p. 195, 2018. In: SCHNEIDER, Sergio; GAZOLLA, Marcio. (org.). Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar. Porto Alegre: UFRGS, 2017. 520 p.

CASTILLA, Emilio. J; HWANG, Hoky; GRANOVETTER, Ellen; GRANOVETTER, Mark. Social networks in silicon valley. In C. M. Lee, W. F. Miller, M. G. E. Hancock, & H. S. Rowen (Eds.), **The silicon valley edge**. Stanford: Stanford University Press, 2000, p.218-247.

DAROLT, Moacir Roberto. **Circuitos curtos de comercialização de alimentos ecológicos: reconectando produtores e consumidores**. In: GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio. Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 139-170.

DAROLT, Moacir Roberto; LAMINE, Claire; BRANDEMBURG, Alfio. A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês. **Revista Agrícolas**. v. 10. n. 2. 2013

DIAS, Valéria da Veiga; REVILLION, Jean Philippe Palma; TALAMINI, Edson. **Cadeias curtas de alimentos orgânicos: aspectos das relações de proximidade entre consumidores e agricultores no Brasil**. In: GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio.

(org.). *Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura*. Porto Alegre: UFRGS, 2017. 520 p

FOGUESATTO, Cristian Rogério; MORES, Giana de Vargas; KRUGER, Silvana Dalmutt; COSTA, Carlos. Will I have a potential successor? Factors influencing family farming succession in Brazil. *Land Use Policy*, v. 97, 2020

GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio. **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 241-257.

GLIESSMAN, Stephen R. *Agroecology: the ecology of sustainable food systems*. 3 edição **Boca Raton: CRC Press**, 2014. ISBN 978-1466584182.

MARTINAZZO, Maria Regina; ZANELLA, Cleunice; POZZO, Bruna Dal. Cadeias curtas de produção: feiras livres como agentes de desenvolvimento da agricultura familiar. **XLVI Encontro da ANPAD**, 2022

MENDEZ, Ernesto. *The conversion to sustainable agriculture: principles, processes, and practices*. **Boca Raton: CRC Press**, 2010. ISBN 978-1420001868.

PETERSEN, Paulo. *Agroecologia: caminhos para a construção de sociedades sustentáveis*. Rio de Janeiro: **ASPTA**, 2012. ISBN 978-8577451226.

PRETTY, Jules. *Agroecology and sustainable agriculture*. **Boca Raton: CRC Press**, 2002. ISBN 978-0849328627

RAMBO, Anelise Graciele; PoZZEBOM, L; VON DENTZ, Eduardo. Circuitos curtos de comercialização e novos usos do território: considerações sobre o PNAE e as feiras livres. **Revista Grifos**, v. 28, p. 9-26. 2019

ROSSET, Peter; ALTIERI, Miguel. *Agroecology: science and politics*. **Rugby: Practical Action Publishing**, 2017. ISBN 978-1853399286.

SCHNEIDER, Sergio; GAZOLLA, Marcio. **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. ISBN 978-8538603382.

SONNINO, Roberta; MARSDEN, Terry. Beyond the rural development program: towards a social economy of food? **Sociologia Ruralis**, Oxford, v. 47, n. 3, p. 190-208, 2017.

SPECHT, Suzimary; BLUME, Roni; ENDE, Marta Von; SOUZA, Mylla Trisha Mello (2019). É dia de fazer feira na Universidade: análise do perfil do consumidor da Polifeira. **Redes**, v.24, n.3, p. 183–197. <https://doi.org/10.17058/redes.v24i3.14124>